

Online Brazilian Journal of Nursing
E-ISSN: 1676-4285
objn@enf.uff.br
Universidade Federal Fluminense
Brasil

Machado Teixeira, Elizania; Silva, Arlete
Perfil sóciodemográfico dos alunos trabalhadores que cursam a graduação em enfermagem em uma universidade particular: um estudo descritivo.
Online Brazilian Journal of Nursing, vol. 6, núm. 1, 2007, pp. 28-35
Universidade Federal Fluminense
Rio de Janeiro, Brasil

Disponível em: http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=361453974004

Como citar este artigo
Número completo
Mais artigos
Home da revista no Redalyc

Sistema de Informação Científica
Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe , Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

ISSN: 1676-4285



Universidade Federal Fluminense

ESCOLA DE ENFERMAGEM
AURORA DE AFONSO COSTA

Artigos Originais

Perfil sóciodemográfico dos alunos trabalhadores que cursam a graduação em enfermagem em uma universidade particular: um estudo descritivo.

Elizania Machado Teixeira,[1]
Arlete Silva[1]

[1] *Universidade de Guarulhos*

RESUMO

Tem-se observado no Brasil, um aumento de escolas particulares de enfermagem que oferecem Curso de Graduação em tempo parcial, permitindo ao aluno exercer um trabalho. Este tema tem despertado o interesse de estudiosos, que procuram conhecer o perfil, dificuldades e expectativas desses alunos e, assim, contribuir para um melhor ensino de enfermagem. O objetivo deste estudo é descrever as características sociodemográficas, de trabalho e de estudo dos alunos trabalhadores do Curso de Graduação em Enfermagem de uma Universidade particular, São Paulo, Brasil. Trata-se de uma pesquisa descritiva, cujos dados foram coletados utilizando um questionário. A população constituiu-se de 406 alunos, presentes na sala de aula durante a coleta de dados e que exerciam atividade remunerada. Destes, 250 (62%) estavam matriculados no período matutino e 156 (38,00%) no vespertino; 334 (82,27%) mulheres e 72 (17,73%) homens, com idade média de 30 e 29 anos, respectivamente; 193 (47,54%) solteiros e 158 (38,92%) casados. A maioria (70,68%) referiu renda mensal de R$ 501,00 a R$ 1500,00, contribuindo parcialmente (36,95%) na renda familiar; como principais atividades de lazer, visitam amigos e familiares (21,44%) e assistem TV (19,14%). Quanto aos dados relacionados ao trabalho, 85,00% trabalha em um emprego, cumprindo jornada de trabalho de 31 ou mais horas semanais (78,00%); 80,06% trabalha em hospital, como auxiliar ou técnico de enfermagem (65,77%). Os resultados relativos ao estudo demonstram que 68,00% deles estudam no máximo 4 horas/ semana e 19,00% não estuda; a principal razão para não prestar atenção às aulas é o cansaço, estresse e sonolência (78,40%)

Descritores enfermagem; estudantes; saúde ocupacional.

Teixeira EM, Silva A. Sociodemographic profile of working students matriculated in the nursing undergraduate course at private university: a descriptive study. Online braz j nurs [internet]. 2007 Jul [cited month day year]; 6 (1):28-35. Available from: http://www.objnursing.uff.br/index.php/nursing/article/view/3408

INTRODUÇÃO

Nestes últimos anos, tem-se observado um aumento muito grande de escolas de enfermagem particulares, que oferecem o curso de Graduação em tempo parcial, permitindo ao aluno, simultaneamente, assumir uma atividade remunerada.

Este tema tem despertado o interesse de vários estudiosos, que procuram conhecer melhor o perfil dos alunos - trabalhadores, suas dificuldades e expectativas para, dessa forma, contribuir para a melhoria do ensino da enfermagem

No estudo desenvolvido por Ogasawara, Pavarini ,[1] sobre as características dos cursos de graduação em enfermagem oferecidos em tempo parcial, foi bastante marcante o fato desses cursos, mesmo sendo pagos, terem uma alta procura, pois possibilitavam ao aluno trabalhar.

Na década de 80, Nakamae, Tsunechiro[2] observaram que os alunos que buscavam esses cursos eram, especialmente, aqueles que já trabalhavam na enfermagem, fosse como atendente, auxiliar e técnico de enfermagem, a fim de obterem melhor qualificação e ascensão profissional.

Nakamae, Araújo, Carneiro, Vieira, Coelho,[3] desenvolveram uma investigação com os estudantes de enfermagem de Minas Gerais e observaram que o número de alunos que trabalhava era menor nas escolas públicas (41%) que nas escolas particulares (68,0%).

Marra[4] também encontrou uma maior freqüência de alunos –trabalhadores (73,3%) nas escolas privadas que funcionavam em período parcial; na única instituição que funcionava em tempo integral, a freqüência era de 22,9%.

Observou-se ainda, nos estudos desenvolvidos por Nakamae, Araújo, Carneiro, Vieira, Coelho[3] e Nakamae, Costa[5] que a maioria dos estudantes trabalhava por necessidade de remuneração e também para adquirir experiência profissional.

Iglesias[6] estudando a qualidade de vida dos alunos – trabalhadores, evidenciou que os alunos que cursam a graduação em enfermagem e simultaneamente trabalham, apresentam algumas características comuns, como por exemplo, uma faixa etária maior, e a opção por cursos em tempo parcial, é para poder manter os seus estudos.

Nesse contexto, onde o contingente de alunos – trabalhadores nos cursos de graduação em enfermagem oferecidos por escolas particulares em período parcial é cada vez maior, nos propomos a desenvolver o presente estudo.

OBJETIVO

Descrever as características sociodemográficas, de trabalho e de estudo dos alunos-trabalhadores do curso de graduação em enfermagem de uma universidade particular.

MÉTODO

Trata-se de uma pesquisa descritiva, exploratória, de campo, transversal, realizada numa universidade particular.

A população foi constituída por todos os alunos matriculados no curso de Graduação em Enfermagem que estavam presentes na sala de aula no dia da coleta de dados e estavam exercendo alguma atividade remunerada, simultaneamente ao estudo, com vínculo empregatício ou não.

Os dados foram coletados após a autorização da coordenadora do Curso e aprovação do projeto pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade, conforme a Resolução 196/96.[7]

O instrumento utilizado para a coleta de dados foi um questionário, constituído de perguntas abertas e fechadas, distribuídas em duas partes. Na primeira parte, constaram os dados sóciodemográficos e na segunda parte, os dados relacionados ao trabalho e estudo.

Os resultados foram agrupados utilizando-se um banco de dados criado em planilha no programa de computador Excel, apresentados na forma de tabelas e gráficos e analisados quantitativamente.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Características sociodemográficas da população

A Universidade onde o estudo foi realizado conta com 839 alunos matriculados no curso de Graduação em Enfermagem, dentre os quais 406 (48,39%) são trabalhadores e estavam presentes na sala de aula no momento da coleta de dados e responderam o questionário.

Quanto ao período em que freqüentam o curso, a maior parte (62,00%) dos alunos trabalhadores está matriculada no período matutino, o que possibilita o trabalho nos horários vespertino e noturno.

O estudo de Ogasawara, Pavarini[1] também evidenciou a preferência dos alunos pelo período matutino para poderem trabalhar nos períodos noturno e vespertino.

TABELA 1. Distribuição dos alunos trabalhadores segundo as variáveis sócio-demográficas e sexo. São Paulo, 2005.

VARIÁVEIS		MULHERES		HOMENS		TOTAL	
		Nº	%	Nº	%	Nº	%
Idade/Anos	Min/Max	17/58	-	18/49	-	-	-
	Média	30	-	29	-	-	-
Estado Civil	Solteiro	158	38,92	35	8,62	193	47,54
	Casado	129	31,78	29	7,14	158	38,92
	Amasiado	15	3,69	2	0,49	17	4,18
	Divorciado	17	4,19	0	0,00	17	4,19
	Separado	10	2,46	4	0,99	14	3,45
	Viúvo	3	0,74	0	0,00	3	0,74
	Em branco	2	0,49	2	0,49	4	0,98
	TOTAL	**334**	**82,27**	**72**	**17,73**	**406**	**100,00**
Renda Mensal (em R$)	Até 500	38	9,36	5	1,23	43	10,59
	501 a 1000	112	27,59	22	5,42	134	33,01
	1001 a 1500	131	32,27	24	5,91	155	38,18
	1501 a 2000	33	8,13	14	3,45	47	11,58
	Mais de 2000	15	3,69	7	1,72	22	5,41
	Em branco	5	1,23	0	0,00	5	1,23
	TOTAL	**334**	**82,27**	**72**	**17,73**	**406**	**100,00**
Participação na vida econômica da família	Contribui parcialmente	132	32,51	18	4,43	150	36,94
	É responsável pelo próprio sustento	83	20,44	21	5,17	104	25,61
	Recebe ajuda financeira	82	20,20	16	3,94	98	24,14
	É principal responsável pelo sustento	36	8,87	16	3,94	52	12,81
	Em branco	1	0,25	1	0,25	2	0,50
	TOTAL	**334**	**82,27**	**72**	**17,73**	**406**	**100,00**

Pelos dados da Tabela 1, pode-se observar uma prevalência de mulheres (82,27%), o que atesta a presença maciça das mesmas na enfermagem.

O estudo de Oguisso[8] relata que "uma das portas de entrada mais antigas da mulher na força de trabalho remunerada foi a enfermagem e esta profissão é ainda predominantemente feminina em todo mundo", o que referenda o resultado deste estudo.

Teixeira EM, Silva A. Sociodemographic profile of working students matriculated in the nursing undergraduate course at private university: a descriptive study. Online braz j nurs [internet]. 2007 Jul [cited month day year]; 6 (1):28-35. Available from: http://www.objnursing.uff.br/index.php/nursing/article/view/3408

Em relação a faixa etária, a idade mínima das mulheres foi 17 anos e a máxima 58, sendo a média de 30 anos; nos homens a idade mínima foi 18 e a máxima 49, com média de 29 anos.

Este resultado difere do estudo de Iglesias[6] que observou idade média mais avançada nos homens (31,44).

Em relação ao estado civil, a população constituiu-se principalmente dos alunos solteiros (47,54%), seguido dos alunos casados (38,92%). Estes resultados também foram observados no estudo de Iglesias[6] e Marra.[4]

Quanto a renda mensal observou-se maior freqüência entre R$ 1001,00 a R$1500,00 (38,18%) e R$ 501,00 a R$ 1000,00 (33,01%), ou seja, o equivalente a 1,5 a 5 salários mínimos vigentes no ano de 2005 (R$ 300,00); talvez este rendimento permita aos alunos contribuírem parcialmente com o sustento da família (36,94%) ou se responsabilizarem pelo seu próprio sustento (25,61%).

Este resultado pode ser reforçado pelo estudo de Nakamae, Araújo, Carneiro, Vieira, Coelho[3] no qual relatam que metade dos alunos estudados por elas contribui nas despesas familiares sem serem os únicos responsáveis.

Quanto a existência de filhos, 45% dos alunos trabalhadores são pais, a grande maioria com 1 ou 2 filhos; no entanto, nove (2,22%) alunos referiram ter 4 filhos. A idade deles variou entre 1 e 32 anos, sendo predominante a faixa etária de 5 a 10 anos.

Esse percentual é maior que o encontrado no estudo de Iglesias[6] onde 35,08% dos alunos eram pais.

A atividade de lazer mais freqüentemente praticada pelos alunos no final de semana foi visitar amigos e familiares (21,44%), seguido de assistir TV (19,14%) e ir ao cinema (14,86).

Os resultados obtidos neste estudo foram similares aos de Iglesias[6] que também observou como a atividade mais citada de lazer o assistir TV.

Dentre "outras" atividades de lazer, foram citadas o cuidar do lar, estudar e trabalhar, fato que chama a atenção, sugerindo que estes alunos se encontram tão envolvidos pela rotina que não estão conseguindo distinguir lazer de dever.

Resultados relativos ao trabalho.

TABELA 2 - Distribuição dos alunos trabalhadores segundo os resultados relativos ao trabalho. São Paulo, 2005

TRABALHO		MULHERES		HOMENS		TOTAL	
		Nº	%	Nº	%	Nº	%
Nº de empregos	Um	290	71,43	55	13,55	345	84,98
	Dois	40	9,85	16	3,94	56	13.79
	Três	2	0,49	1	0,25	3	0,74
	Em branco	2	0,49	0	0	2	0,49
	TOTAL	**334**	**82.27**	**72**	**17,73**	**406**	**100,00**
Horário	Noturno	164	37,44	50	11,41	214	48,85
	Vespertino	138	31,51	22	5,02	160	36,53
	Matutino	56	12,79	8	1,83	64	14,62
	TOTAL	**358**	**81,74**	**80**	**18,26**	**438**	**100,00**
Vinculo Empregatício	Sim	248	61,09	58	14,28	306	75,37
	Não	70	17,24	13	3,20	83	20,44
	Em branco	16	3,94	1	0,25	17	4,19
	TOTAL	**334**	**82,27**	**72**	**17,73**	**406**	**100,00**

Nº de horas trabalhadas/ semana	Até 12 h	40	9,86	6	1,47	46	11,33
	De 12 a 20 h	5	1,23	5	1,23	10	2,46
	De 21 a 30 h	31	7,64	4	0,99	35	8,63
	De 31 a 40h	140	34,48	16	3,94	156	38,42
	Mais de 40h	116	28,57	40	9,85	156	38,42
	Em branco	2	0,49	1	0,25	3	0,74
	TOTAL	**334**	**82,27**	**72**	**17,73**	**406**	**100,00**

Pelos dados apresentados na Tabela 2, observa-se que a maioria dos alunos (84,98%) tem um emprego; no entanto, 3 (0,74%) alunos referiram trabalhar em três locais, despendendo assim todo seu tempo trabalhando, mais de 40 horas/semana.

Quanto ao período de trabalho, 214 (48,85%) alunos trabalham no período noturno, 36,53% no período vespertino e 14,62% no matutino. Este resultado era esperado, uma vez que a maioria (62,00%) dos alunos freqüenta o curso de enfermagem no período matutino, de forma a possibilitar o trabalho vespertino e noturno.

Vale lembrar que o aluno que trabalha no período noturno e estuda pela manhã, sai do seu plantão e vem direto para a sala de aula, extremamente sonolento e cansado, não conseguindo permanecer atento na aula.

A maioria (75,37%) dos alunos trabalha com vínculo empregatício. No entanto, um percentual considerável (20,44%) não, ou seja, desenvolvem trabalho informal, sem direitos trabalhistas, refletindo a realidade vivenciada por muitos trabalhadores brasileiros.

A jornada de trabalho de 76,84% dos alunos é mais de 30 horas semanal e de 38,42% mais de 40 horas.

No estudo realizado por Nakamae, Araújo, Carneiro, Vieira, Coelho[3] e Nunes, Negri, Montejani, Gabrielli, Pelá[9] a carga horária semanal dos alunos era de até 40 horas, o que demonstra um aumento na jornada de trabalho dos mesmos.

Em relação ao ramo de atividade e função exercida, observa-se que a maioria (72,06%) dos alunos já trabalha na área de saúde, principalmente como auxiliar ou técnico de enfermagem (65,77%), o que demonstra a busca desses profissionais pela ascensão profissional e social dentro da própria área.

Estes resultados são semelhantes aos encontrados nos estudos de Ogasawara, Pavarini[1] e Santos[10], nos quais grande percentual de alunos de graduação em enfermagem trabalhava na área da saúde como auxiliares ou técnicos de enfermagem.

Outros ramos de atividade citados pelos alunos trabalhadores foram o comércio (8,58%), a educação (7,84%), indústria (2,45%), administração (1,72%) e prestação de serviços – segurança (1,72%).

Foram referidas também as funções de vendedor (4,65%), professor (3,67%), escriturário (3,18%) e recepcionista (3,18%).

Quanto ao tipo de instituição de saúde em que os alunos trabalham, o hospital foi citado por 80,06% deles; este resultado era de se esperar, pois é a instituição hospitalar que concentra a maior parte da força de trabalho de enfermagem. No entanto, deve-se ressaltar que alguns alunos trabalham nessas instituições como escriturário ou recepcionista.

Foram citadas também a clínica particular (5,79%), unidade básica de saúde (5,14%), laboratório e home care com igual percentual (1,93%), e ambulatório (1,29%), dentre outros.

Teixeira EM, Silva A. Sociodemographic profile of working students matriculated in the nursing undergraduate course at private university: a descriptive study. Online braz j nurs [internet]. 2007 Jul [cited month day year]; 6 (1):28-35. Available from: http://www.objnursing.uff.br/index.php/nursing/article/view/3408

RESULTADOS

TABELA 3 - Distribuição dos alunos trabalhadores segundo os resultados relativos ao estudo. São Paulo, 2005.

RESULTADOS RELATIVOS AO ESTUDO		MULHERES		HOMENS		TOTAL	
		Nº	%	Nº	%	Nº	%
Horas que dedicam aos estudos	Até 2 horas	133	32,76	24	5,91	157	38,67
	De 2 a 4 horas	89	21,92	27	6,65	116	28,57
	De 4 a 6 horas	28	6,90	6	1,48	34	8,38
	Mais de 6 horas	17	4,19	4	0,99	21	5,18
	Não estuda	67	16,50	9	2,21	76	18,71
	Em branco	0	0	2	0,49	2	0,49
	TOTAL	**334**	**82,27**	**72**	**17,73**	**406**	**100,00**
Reprovação e Dependências	Não	236	58,13	52	12,80	288	70.93
	Sim	98	24,14	19	4,68	117	28,82
	Em branco	0	0	1	0,25	1	0,25
	TOTAL	**334**	**82,27**	**72**	**17,73**	**406**	**100,00**
Trancamento de Matrícula	Não	292	71,92	60	14,78	352	86,70
	Sim	42	10,35	11	2,70	53	13,05
	Em branco	0	0	1	0,25	1	0,25
	TOTAL	**334**	**82,27**	**72**	**17,73**	**406**	**100,00**

Pelos dados apresentados na Tabela 3, observa-se que as horas dedicadas ao estudo fora da sala de aula, são mínimas ou nenhuma; 18,71% dos alunos referem não estudar por absoluta falta de tempo, enquanto 38,67% estudam até 2 horas/semana e 28,57%, de 2 a 4 horas/semana, o que significa 67,24% dos alunos estudando no máximo 4 horas por semana.

Dados observados por Nakamae, Costa[5] corroboram estes resultados; estas autoras verificaram "alta incidência de alunos nas escolas particulares, que não estudam fora do período de aula ou se dedicam a isso de uma a cinco horas semanal".

Perguntados sobre a atenção durante as aulas, 78,40% dos alunos referiram o cansaço, o estresse e a sonolência como as principais razões para não se manterem atentos à aula; este resultado é bastante relevante, se considerar a jornada de trabalho e outras obrigações que estes têm a cumprir.

Mas outras razões também chamam a atenção, como a preocupação com outros assuntos (8,98%), conversas paralelas na classe (3,40%) e a presença de barulho (1,46%) externo e interno.

Vale ressaltar que 7,52% dos alunos referem não se manter atentos durante as aulas por elas serem monótonas. O professor precisa estar atento para esta parcela de alunos, de forma a buscar estratégias de ensino que despertem o interesse e o envolvimento dos mesmos.

Quanto a deixarem a sala antes do término da aula, os alunos alegaram principalmente, a incompatibilidade de horário entre trabalho e estudo (42,36%), isto é, para conseguirem chegar a tempo no trabalho, precisam sair antes da aula terminar; resolver assuntos pessoais ou familiares (22,29%), e até mesmo para dar conta das atividades relacionadas ao estudo, como estudar para as provas e preparar seminários (21,97%).

Vários alunos referiram problemas de saúde (6,05%) e cansaço, estresse e sonolência (3,82%).

Estes resultados são preocupantes, pois demonstram que o aluno trabalhador de enfermagem por ter uma rotina diária extenuante, utiliza o tempo destinado às aulas para tentar resolver

as suas necessidades, sejam elas pessoais ou familiares, de trabalho, de estudo, e principalmente suas necessidades básicas de sono e descanso.

A maioria (71,00%) dos alunos não apresenta reprovação nem dependência nas disciplinas curriculares, o que demonstra que apesar das dificuldades eles ainda conseguem atingir as notas necessárias para aprovação. No entanto, 29,00% deles referem reprovação ou dependência, o que é um número bastante significativo.

Em relação ao trancamento de matrícula, a maioria deles (87,00%) não se utilizou desse recurso; os alunos que precisaram trancar matrícula (13,00%) apresentaram como justificativas, a dificuldade financeira, pois não podiam continuar arcando com os gastos da faculdade e ter ficado em dependência nas disciplinas que são pré-requisitos.

CONCLUSÃO

Ao terminar o presente estudo - perfil sócio demográfico, de trabalho e de estudo - dos alunos trabalhadores do curso de enfermagem, desenvolvido ao longo de um ano, permitiu conhecer melhor quem são esses alunos, as atividades que desenvolvem e as dificuldades que enfrentam para conciliar estudo e trabalho.

Além disso, a experiência foi extremamente valiosa, me proporcionando dar os primeiros passos num processo de investigação científica, e trazendo respostas para algumas questões que me preocupam.

Sendo uma aluna de enfermagem que trabalha, vivenciei cada situação, cada depoimento dado pelos meus colegas de curso, que simultaneamente, estudam e trabalham.

Os resultados aqui apresentados podem oferecer subsídios para o educador conhecer melhor seu aluno, e propiciar uma reflexão a respeito da relação aluno trabalhador x professor e do processo ensino-aprendizagem.

O desenvolvimento deste estudo me mostrou que todos nós temos a capacidade de enfrentar novos desafios, superar nossas limitações, aprendendo a conviver e a vencer obstáculos internos e externos, em busca de nossos ideais. São estes desafios que nos fazem mais fortes, como pessoa e profissional.

REFERÊNCIAS

1. Ogasawara M, Pavarini SLC. Algumas características de cursos oferecidos em tempo parcial: dados para uma análise de demanda e evasão. Rev Bras Enferm 1994; 47(2): p. 134-43.
2. Nakamae DD, Tsunechiro MA. Em discussão o Ingresso e a evasão nos cursos de graduação em enfermagem. Bol Inform EEUSP 1988; 4(6): 5-11.
3. Nakamae DD, Araújo MRN, Carneiro MLM, Vieira LJ, Coelho S. Caracterização socioeconômica e educacional dos estudantes de enfermagem nas escolas de Minas Gerais. Rev Esc Enferm USP 1997; 31(1):109-18.
4. Marra CC. Condições de estudo do aluno/trabalhador durante a formação acadêmica em enfermagem. [Tese] São Paulo: Universidade Federal de São Paulo; 1996.
5. Nakamae DD, Costa MLAS. Semelhanças e diferenças do perfil de estudantes em escolas de enfermagem oficiais e particulares da região da grande São Paulo. Rev Paul Enferm 1993; 2(2): 72-7.
6. Iglesias RB. Qualidade de vida de alunos-trabalhadores que cursam a graduação em enfermagem. [Dissertação] São Paulo: Escola de Enfermagem, Universidade de São Paulo; 2002.
7. Conselho Nacional de Saúde (Brasil). Resolução no. 196 de 1º de outubro de 1996. Diretrizes e normas reguladoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Diário Oficial da União Poder Executivo 2 out 1996; Seção 1.
8. Oguisso T. A mulher na força de trabalho: o trabalho da mulher enfermeira. Rev. Enferm. UERJ 1998; 6(1): 309-16.

Teixeira EM, Silva A. Sociodemographic profile of working students matriculated in the nursing undergraduate course at private university: a descriptive study. Online braz j nurs [internet]. 2007 Jul [cited month day year]; 6 (1):28-35. Available from: http://www.objnursing.uff.br/index.php/nursing/article/view/3408

9. Nunes ZB, Negri G, Montejani GA, Gabrielli JMW, Pelá NTR. Prisioneiro do serviço e da faculdade: o modo de vida do estudante de enfermagem trabalhador da enfermagem. Rev Centro Universit. Barão de Mauá 2001; 1(2):sp.

10. Santos AS. Perfil do acadêmico do curso de graduação em enfermagem da Universidade do Grande ABC/ 1997. Cad. UniABC de Enferm 1999; p. 7-21.

Teixeira EM, Silva A. Sociodemographic profile of working students matriculated in the nursing undergraduate course at private university: a descriptive study. Online braz j nurs [internet]. 2007 Jul [cited month day year]; 6 (1):28-35. Available from: http://www.objnursing.uff.br/index.php/nursing/article/view/3408